

## Um estranho caso de ênclise pronominal na fala do vale do rio Elhas ou de Xalma<sup>1</sup>

Xosé-Henrique Costas González  
Universidade de Vigo (Galiza)  
xcostas@uvigo.es

Data de receção do artigo: 08-04-2014  
Data de aceitação do artigo: 17-10-2014

### Resumo

Desde o castelhano medieval até ao atual tiveram lugar profundas mudanças na sintaxe do pronome átono. Em galego-português (com a exceção do português do Brasil) e em asturo-leonês continua, na atualidade, aquela colocação pronominal preferentemente enclítica que também tinha o castelhano medieval, mas já com certas regularizações. Nas falas de origem galega do vale do Elhas (Cáceres-Estremadura-Espanha) a atual sintaxe do pronome átono apresenta uns resultados em parte coincidentes com o castelhano atual (e com o brasileiro), em parte coincidentes com o galego atual, e em parte apresenta num aspeto muito concreto umas soluções próprias: referimo-nos à ênclise dos pronomes **o**, **a**, **os**, **as** com participípio em tempos compostos e perífrases.

**Palavras-chave:** ênclise – sintaxe pronominal – valego – galego-português – vale do Elhas – Xalma.

### Abstract

From medieval to present-day Spanish there have been important syntactic changes in object pronouns. In Galician-Portuguese (except in Brazilian Portuguese) and in Astur-Leonese we can still find the enclitic pronominal collocation that was used in medieval Castilian, but already with certain regularisations. In the Galician dialects from the Ellas Valley (Cáceres, Extremadura, Spain) the current syntax of the atonic pronoun is partly similar to that of present-day Castilian and Brazilian, partly analogous to current Galician, but it is original in a particular aspect: namely, the enclisis of pronouns **o**, **a**, **os**, **as** with participles in compound tenses and periphrases.

---

<sup>1</sup> Agradecemos a revisão do colega baiano Nerivaldo Alves Araujo

**Keywords:** enclisis – pronominal syntax – valego – Galician-Portuguese language – Ellas Valley – Xalima.

Em todos os trabalhos que publicámos ao longo de vinte anos sobre as falas do vale de Xalma ou do Elhas<sup>2</sup>, sempre afirmámos que a colocação do pronome átono nestas falas coincidia com a do castelhano, sempre proclítica exceto nos imperativos, afastando-se do galego-português e do asturo-leonês e aproximando-se do castelhano, pelo qual todos os indícios assinalavam um mais que provável castelhanismo neste traço da variedade de origem galega falada nesta região de Xalma.

Todos os autores que se ocuparam e se preocuparam com o estudo destas falas também se pronunciaram no mesmo sentido, o de que esta sintaxe pronominal seria devida sem dúvida à influência do castelhano. Ninguém tratou de valorar ou comparar a sintaxe do português do Brasil, bem diferente da do português europeu e do galego, em relação com os resultados do Elhas. A sintaxe pronominal do português do Brasil, proclítica com verbos finitos e mesmo com os imperativos, não era castelhanismo, era para todo o mundo uma evolução própria – não condicionada nem com interferência de fatores externos –, dentro do (galego)português, enquanto a sintaxe do pronome do valego tinha todos os indícios de não ser uma evolução especial do (galego)português, mas de ser uma mostra de interferência do castelhano.

Em princípio, no valego do Elhas o pronome átono não aparece nunca em posição enclítica ao verbo finito, sempre proclítica, como no castelhano (ou como no português brasileiro):

- (1) Me chamu Ládaru i me dedicu á agricultura
- (2) Mos levorin á festa no cabalu i logu mos regalorin unhas peiriñas gravás
- (3) Te levantas pola miñán, te duchas i te pos roipa nova
- (4) Lo diría a tei padri si tuvesi tempu

---

<sup>2</sup> Vid. Bibliografía de Costas (2013), pp. 253-269.

Mas aparece sim em posição enclítica depois de imperativo, como no castelhano (e não como no português brasileiro):

(5) Levai-me esta menina da casa i metei-a no cochi<sup>3</sup>

(6) Chama-me condu veñas polu lugar.

E também, como em galego-português, asturo-leonês e castelhano, pode aparecer em posição enclítica após formas verbais não finitas, infinitivo e gerúndio, embora nas perífrases verbais caibam as duas colocações, mas não a terceira colocação do galego e do português (*tenho de a fazer no forno*)

(7) A teñu que ficer no fornu / Teñu que ficé-la no fornu

(8) A estaba fendu ei solu i me eitó unha man / Estaba féndu-a ei solu i me eitó unha man

No falar do Elhas, após preposição com infinitivo só cabe a posição enclítica, tal e como acontece no castelhano e ao contrário do galego e do português, os quais admitem a dupla possibilidade (*depois de vê-lo, depois de o ver*):

(9) Fidu isu pa dar-me unha sorpresa

(10) Depois de agarrá-lo no colu le dó un beixu

(11) Miña madri por casar-me i eitar-me da casa é capá de tó

Ora bem, nos últimos anos temos verificado uma colocação do pronome átono que não é frequente no castelhano e que nestas falas do Elhas é habitual. Referimo-nos à colocação dos pronomes átonos *o, a, os, as* (e só estes e não outros pronomes átonos) *enclíticos ao participio* quando estes participios formam parte de uma perífrase verbal ou de um tempo composto com o verbo *haber*.

(12) A palla habían levádu-a ao lumbu pá eira pa mallar

(13) Aos meis zagais han suspendíu-os na *escuela* por mal comportamentu

O catedrático de Filologia Portuguesa da Universidade de Extremadura, Juan Carrasco González, depois de analisar gramáticas galegas e portuguesas e não achar um só indício deste caso e, pelo contrário, achar alguns exemplos em castelhano, viu nesta colocação do pronome um castelhanismo antigo e regional nas falas do Elhas,

---

<sup>3</sup> Marcámos com o hífen o pronome quando enclítico para tornar mais visível o pronome, mas em valego e em galego não se marca: chámome e não *chamo-me, comelo* e não *comê-lo*, etc.

porque pelo menos no castelhano dos séculos XVI-XIX ele tinha registado três exemplos, dois deles dos autores estremenhos Cieza e Godoy.

(14) Los de Túnbez avían ausentándose en partes secretas del valle (XVI)

(15) Ya recibiste los preceptos todos. De que se convence con evidencia, que ya había dádole los preceptos, y que... (XVII)

(16) ...sin más arrimo que un proscripto, que, por haberle amado, y haber servídole fielmente, se había visto apedreado, maldecido, y como por milagro libertado de la muerte (XIX)

O primeiro dos três exemplos procede do estremenho Pedro Cieza de León (séc. XVI), o segundo é de Francisco de Quevedo (séc. XVII) e o terceiro é do também estremenho Manuel Godoy (séc. XIX).

Com eles pretendeu demonstrar que esta colocação pronominal enclítica ao participio não era alheia ao castelhano, mas, pelo contrário, era inexistente em galego e português, pois todas as gramáticas galegas e portuguesas ora ignoravam esta possibilidade, ora prescreviam a sua impossibilidade.

Se algo era alheio ao galego-português mas existiam restos e documentação antiga em castelhano, o lógico seria pensarmos que esta ênclise é um arcaísmo procedente do castelhano, um castelhanismo, e não uma evolução própria destas falas nem outra mostra mais da sua origem galega. A conclusão, com os dados que manejava o professor Carrasco, era absolutamente lógica.

Já no próprio castelhano antigo, como no próprio galego-português, existia um sistema duplo de colocação do pronome átono. Por um lado havia contextos nos quais a posição do pronome átono era fixa e anteposta ao verbo finito (em orações principais negativas, em orações principais interrogativas iniciadas por um pronome interrogativo, em orações em que o verbo finito vinha precedido de um complemento directo ou indirecto referido a outra entidade diferente do pronome átono, e em orações subordinadas), e por outro lado havia contextos em que o pronome pessoal podia aparecer anteposto ou posposto ao verbo, com uma aparente liberdade sintática, mas com alguns contextos concretos onde dominava a colocação do pronome posposto ao verbo (quando o verbo começava uma oração, com formas não finitas etc.). No galego-português antigo,

como no castelhano e no asturo-leonês antigos, a próclise estava muito mais estendida nestes casos.

A partir do séc. XV, observa-se nos textos castelhanos o predomínio cada vez maior da anteposição do pronome átono ao verbo finito e no séc. XVI o sistema castelhano moderno de colocação do pronome átono já está plenamente consolidado: todas as formas verbais finitas levam o pronome átono anteposto e todas as formas não finitas levam o pronome átono posposto.

Têm-se apontado para numerosas causas que propiciaram esta mudança, que segundo todos os autores, foi favorecida por uma combinação de factores pragmáticos, fonológicos, prosódicos, semânticos e sintácticos: a anteposição usou-se para focalizar, para chamar a atenção para o referente do pronome átono nas orações principais; a mudança do pronome átono contribuiria para reafirmar o padrão acentual espanhol, já que a posposição criava muitas palavras esdrúxulas, menos frequentes em espanhol; esta nova fixação das posições teria ajudado à comunicação, o que simplificou grandemente a variedade de soluções colocativas, etc.

O pronome átono no antigo castelhano tinha uma dupla identidade: tinha certa independência sintática, mas fonologicamente não tinha independência nenhuma porque era uma forma débil que necessitava sempre de um elemento tónico para se apoiar. De um castelhano medieval com certa liberdade de colocação do pronome átono passámos a uma situação no século XV na qual se fixa já definitivamente a sintaxe pronominal do castelhano actual, muito mais rígida mas também muito mais singela e reduzida nas suas possibilidades. Porém, o galego-português e o asturo-leonês não seguiram o caminho simplificador do castelhano e mativeram um sistema sintático pronominal muito máis próximo dos primitivos iberorromances (e, portanto, também do castelhano medieval) mas também não com tanta opcionalidade e sim já com certas regularidades.

Quer dizer, dos três exemplos aduzidos por Carrasco, o (14), poderia ser perfeitamente possível e real por quanto no séc. XV ainda poderia haver casos de posposição do pronome átono, mas os exemplos (15) e (16) parecem-nos irrealis e próprios de uma linguagem artificial. No exemplo (15), da autoria de Quevedo, a colocação do pronome átono nessa subordinada seria impossível mesmo no castelhano antigo; e o exemplo (16), de pleno século XIX, é

claramente um intento artificialmente arcaizante de imitação de uma posposição pronominal medieval, quando no castelhano medieval ao existir uma preposição mais um infinitivo o pronome átono iria colocado entre a preposição e o infinitivo: não “por haber~~le~~ amado y haber servído~~le~~ fielmente” mas “por ~~le~~ haber amado y ~~le~~ haber servido fielmente”.

No entanto, temos desconfianças mesmo dessa colocação do pronome átono do século XV no exemplo (14), por quanto a língua escrita é sempre muito mais arcaizante e conservadora do que a língua oral, e dentro da língua escrita, o registo culto, oficial, livroresco, notarial, literário, é sempre muito mais formal e imobilista do que o estilo popular. Se hoje lermos um texto castelhano atual onde se diga “Búscase”, “Alquilase” ou “Levántese el viento” entendemos imediatamente que se trata de arcaísmos forçados ou de recriações artificiais por imitação do castelhano medieval. Ninguém fala hoje assim, porém, o professor Tierno Galván, quando presidente da Câmara de Madrid (1979-1986), costumava redigir os seus documentos públicos com este tipo de sintaxe pronominal e ninguém pensava que esse era o falar madrilenho, nem sequer o estilo culto madrilenho, todo o mundo sabia que era uma maneira de adornar os seus textos com matizes solenes e revesti-los com um ar antigo. Do mesmo jeito, é mesmo possível que os textos do século XV mostrem um registo cultista, elevado, artificial e arcaizante (já) não existente na altura na fala do povo.

É estranho que em tudo o que há escrito em castelhano entre os séculos XV e XIX em Espanha e na América a ênclise do pronome à maneira antiga caracterizasse sempre recriações forçadamente arcaizantes, mas quanto mais nos afastarmos dos séculos XII-XIII-XIV menos exemplos desta ênclise acharemos. Com tudo o que há escrito em castelhano entre os séculos XV-XIX, achamos que estes exemplos podem ser devidos a um intento dos autores de solenizar o seu castelhano para lhe conferir mais prestígio.

Porém, para o professor Carrasco a ênclise após o participío nas falas do Elhas – ênclise que ele só documenta em três exemplos em castelhano, e para nós, dois deles pouco credíveis –, dos exemplos (12) e (13) são devidos ao castelhanismo. Mas não menciona o professor Carrasco três aspectos que nos parecem sobranceiros quando se trata de fazermos uma aproximação à sintaxe dos pronomes átonos

no valego do Elhas e atribuir estes casos a castelhanismo, pois esta ênclise após participío registada no valego:

a) Só afecta os pronomes átonos de terceira persoa **o, a, os, as**, e não os de primeira e segunda (*me, te, mos, vos*) nem os reflexivos (*me, te, se, nos, vos, se*).

b) Que se chega a registrar em algumas ocasións com redobro (sobretudo nos jovens):

(17) Ei a cama a he féitu-a esta miñán

(18) Non ta he regaládu-a ei, que foi mei amigo Chus

c) Que também se regista esta colocação enclítica em orações negativas e noutras situacións onde o pronome em galego, portuguêz e asturiano seria sempre proclítico:

(19) Non has ditu-a ben, esa palabra non se didi asina

(20) To digu ei, que he vistu-a mutas vedis de noiti

(21) I esas botellas, cuandu has sacau-as da neveira ?

(22) Me contorin que habían levau-os pa Mairil.

Como norma geral podemos dizer, pois, que no valego do Elhas existe ênclise dos clíticos *o, a, os, as* com o participío quando este forma parte de um complexo verbal, quer seja perífrase, quer seja tempo composto com o verbo *haber* (na origem também uma perífrase), e que esta ênclise é sistêmica, sem lhe afetarem os condicionantes que provocam a próclise em galego-portuguêz e asturo-leonês em orações negativas, interrogativas, subordinadas etc.

Achamos difícil que possa ser atribuído à interferência do castelhanismo, como – parcialmente – é difícil a sua atribuição ao galego-portuguêz. E dizemos “parcialmente” porque em galego popular são possíveis perífrases verbais com pronome enclítico ao participío, embora as gramáticas não registem esta possibilidade e afirmem mesmo que este tipo de construcións são impossíveis.

Na minha fala familiar, no galego tudense, soam como normais estas duas sequências (a primeira tirada de uma gravação realizada em 2013 de AGI, 74 anos, e ACR, 73 anos, naturais e habitantes da freguesia de Freixeiro, município de Vigo):

(23) Cando eu era pequena, esas trastadas tiña feito-as muitas veses

(24) Cando eu era pequena, esas trastadas tiña-as feito muitas veses

O professor e colega do Departamento de Filologia Galega da Universidade de Vigo Antón Palacio registou à nossa aluna Pilar Pajarín (natural da freguesia de Sárdoma, limítrofe com a de Freixeiro, no concelho de Vigo) a frase:

(25) Tiña deixado-lle a nota ao bedel

ao ex-conselheiro da Presidência do governo autonómico galego, Dositeo Rodríguez, numa Comissão de Toponímia da Junta de Galícia:

(26) Teño dito-lle ao presidente que...

e a uma aluna da Licenciatura de Tradução da Universidade de Vigo, em novembro de 2002:

(27) Desde hai algúns anos teño sentido-me mal da gorxa

Na prosa do autor galego Ramón Otero Pedrayo o professor Palacio tem os seguintes registros de ênclise ao participio:

(28) A terra nova agradecia o ar e a luz. Era sacala ó día. Tiña o Dorindo botado-lle o ollo a unha partida de estrume da touza dos Millarengos.

(29) Por calquera deles Dona Avelina (...) houbera-se desprendido das malas ca boa roupa, e posto-se a servir de confeitaria de mantecadeiro, ou de ama de chaves...

Com estes exemplos, pode-se comprovar que este é um fenómeno bem presente no galego popular, e também no galego literário, embora a sua presença seja esporádica e ocasional. Não temos registros (ainda) de casos semelhantes no galego escrito do século XIX ou da época medieval, o que não quer dizer que não possam surgir se tivermos em conta que achámos registros variados no galego vivo actual.

Dissemos anteriormente que nas formas não finitas o castelhano recluiu o pronome átono para uma posição anterior ao verbo não finito, reduzindo a variação existente na época medieval, quando era possível a dupla colocação, antes e depois do verbo: *en se acercando / en acercándose, después de lo romper / después de romperlo*. Com gerúndio e infinitivo o pronome átono em castelhano moderno ficou confinado à ênclise em todos os casos: *no acercándose / acercándose, sin romperlo / después de romperlo* etc. Contrariamente, em galego e português ainda pode ocorrer próclise nestes casos: *sem o romper, sem rompê-lo, depois de o romper, depois de rompê-lo* etc.



As gramáticas e os gramáticos repetem que em galego e portuguêz o pronome átono nunca pode aparecer nem proclítico nem enclítico ao participío, porque o pronome depende sempre do auxiliar em tempos compostos e perífrases:

(30): Naquela terra tiña-vos feito moito frío

(31): As cancións de amor leva-as cantado toda a tarde.

(32): Nesa idea non me tiña parado moito, a verdade.

E mesmo no brasileiro, que tem uma sintaxe do pronome diferente da do portuguêz europeu, nunca aparece o pronome átono enclítico ao participío. Já o diz com evidência Van der Eijk (1988-92:51):

Existe mais uma forma finita do verbo, o participío pasado. No portuguêz moderno, o pronome nunca se junta a este. Isto também vale para os verbos que têm duas formas para o participío pasado (e.g. 'aceitado'/'aceite'). O pronome cliticiza-se obrigatoriamente ao verbo auxiliar [...].

Carrasco repassou as opinións de gramáticos e gramáticas portuguesas (Cunha/Cintra 1984, Mateus/Brito/Duarte/Faria 1983, Bechara 2006, Eijk 1988, Silva 2006, Huber 1986, Maia 1986, Williams 1975, Neto 1986 etc.), e chegou à conclusión de que uns ignoram totalmente este caso e as poucas gramáticas que o tratam afirmam que é impossível que o pronome átono acompañe o participío pasado.

Nas gramáticas do espanhol, tanto nas atuais como nas históricas, e em diversos estudos sobre a evolución da colocación dos pronomes, Pidal mostra algum registro de pronome átono entre participío e auxiliar quando a ordem é inversa: auxiliado-auxiliar: *betatu lo aiat* (Pidal 1980: 381).

Dorine Jieuwenhuijsen (1999) diz que:

[...] el participio pasado independiente no puede ir acompañado de un PA [pronombre átono], al contrario del infinitivo y del gerundio. Sólo si se trata de una secuencia de dos participios pasados en la que únicamente con el primero se utiliza un auxiliar, es posible que el segundo participio lleve un PA. Véase el ejemplo:

(23) yo avía mucho servido a Dios y no ofendídole en aquel negocio

Diz o professor Carrasco que é possível acharmos pronomes átonos enclíticos ao participío quando este for acompañado do seu

verbo auxiliar em espanhol, com os exemplos já citados dos séculos XVI, XVII e meados do XIX, mas, como também já vimos, desconfiamos da veracidade lingüística pelo menos dos dois últimos que ele aduz. Para Carrasco, com base no anterior, esta ênclise com o participío presente atualmente com normalidade nas falas do Elhas “puede tener su origen en el castellano y, en cualquier caso, no se podrá considerar un rasgo exclusivo de Jálama que aísla estas hablas del español hablado en Extremadura”. (Carrasco, 2010)

Porém, nós pensamos que esta ênclise não está claro que tenha a sua origem no castelhano, mas que existe e está viva também no galego. E é possível que a sua presença em valego e em galego tenha um mesmo início. No valego do Elhas, nos usos perifrásticos (e os tempos compostos não deixam de ser um tipo especial e muito produtivo de perífrases) ficou fixada a possibilidade de colocação do clítico antes das formas não finitas dos verbos: participíos, infinitivos e gerúndios.

(33) Esas coisas has feitu-as mui mal

(34) Esas coisas hai que fel-as mellor

(35) Esas coisas estuvu fendu-as toa a tardi.

E mesmo com “condicionantes” dos que trazem o clítico para depois do verbo, continua a funcionar com normalidade a posição enclítica conjuntamente com a proclítica. No caso dos participíos pode-se dar uma duplicação deste pronome átono, embora não seja o mais frequente.

(36) Esas coisas non ha feitu-as mui mal / Esas coisas non as ha feitu-as mui mal

(37) Esas coisas non ten que fel-as mellor / Esas coisas non as ten que fer mellor

(38) Esas coisas non estuvu fendu-as ela / Esas coisas non as estuvu fendu ela.

Nos exemplos com infinitivo (37) e gerúndio (38) não soam mal aos ouvidos dos falantes com próclise, mas continuam a ser mais habituais as orações com ênclise mesmo nestes contextos negativos onde o esperável seria sempre a próclise.

É para nós muito surpreendente que esta ênclise só seja possível com os pronomes átonos de complemento direto *o, a, os, as*, os de menor corpo fónico, os mais necessitados de irem adossados ao verbo,

e não os clíticos iniciados por consoante (*me, te, se, le, nos, vos*), mas não achamos nem rasto de ênclise destes últimos com participío, como acontece em galego nos exemplos já vistos (23-27) e sim com as outras formas não finitas: *teño que deixar-te agó, estábais sentando-vos nos seis sítius*.

Também, e para finalizar esta exposição, é conveniente salientarmos que nos falares do Elhas, quando se produz uma contração de *o, a, os, as* com outro pronome (*mo, mas, to, lha...*), em contacto com participío, tem lugar a duplicidade do pronome, proclítico quando contraído e enclítico quando simples, sem contração:

(39) As más noticias ia mas han ditu-as esta miñán.

(40) Esta bandeira non ta he dau-a ei, vali ?

À vista do exposto até agora, achamos que não se pode dizer que esta ênclise do pronome átono de complemento direto com participío na fala do vale do Elhas seja devida exclusivamente à influência do castelhano por diversos motivos:

a) Embora haja notícias da sua existência documentada em castelhano antigo e em castelhano moderno, não é habitual o seu uso no castelhano atual, nem sequer no castelhano dialetal estremenho atual.

b) Dos três exemplos acrescentados do castelhano antigo e meio por Carrasco, só o exemplo do séc. XV pode ter traços de verosimelhança, sendo provavelmente os outros dois produto de uma prosa afetada e artificial.

c) Embora não se registem (ainda) exemplos desta estranha ênclise com participío em documentos do galego-português antigo e do português médio, se registam sim exemplos variados no galego atual popular e literário.

d) Esta ênclise no vale do Elhas é especial e parcialmente diferente da galega, porque no Elhas só afeta os pronomes *o, a, os, as*, pode ter redobro e dá-se mesmo em condições onde o esperável seria a próclise, quer dizer: está fixada.

c) Comprovámos como no vale do Elhas este tipo de ênclise acontece por igual com as três formas não finitas do verbo: infinitivo, gerúndio e participío.

Portanto, podemos concluir que não se deve tratar de nenhum castelhanismo e que, ainda que sendo os resultados do vale do

Elhas parcialmente diferentes dos galegos, poderia existir uma origem comum a galego e valego no que a este fenómeno se refere se soubéssemos algo mais da procedência destas falas, quer por extensão analógica da sintaxe pronominal a partir das outras duas formas não finitas, quer porque já na época antiga existiu esta possibilidade, refugiada hoje no galego popular e, com matizes, plenamente viva no valego do Elhas ou de Xalma.

### Bibliografía

- Carrasco González, J.M. (2010): “Enclítico al participio”, en *Al límite. I Congreso de la SEEPLU*. Cáceres: Ed. Avuelapluma, pp. 40-48.
- Carrasco González, J.M: (2010): “Traços galegos e não galegos do dialecto fronteiriço de Xalma (manhego, lagarteiro e valverdeiro)”, en Marçalo, M<sup>a</sup>J./ Lima-Hernandes, M<sup>a</sup>.C./ Esteves, E./ Fonseca, M<sup>a</sup> do C./ Gonçalves, O./ Vilela, A.L./ Silva, A.A. (eds.): *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas. Actas do II Simpósio Mundial de Estudo da Língua Portuguesa*. Évora: Universidade de Évora.  
<http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg9/02.pdf>.
- Costas González, X.H. (2013): *O valego. As falas de orixe galega do val do Ellas (Cáceres-Estremadura)*. Vigo: Ed. Xerais de Galicia.
- González Ollé, F. (1983): “Énclisis pronominal en el participio de las perífrasis verbales”, *Revista de Filología Española* nº 33, pp. 1-32.
- Nieuwenhuijzen, D. (1999): “Cambios en la colocación de los pronombres átonos en la historia del español”, en *Estudios de Lingüística del Español*, vol.5.  
<http://elles.rediris.es/elies5/index.htm#indice>
- Van der Eijk (1988-92): “A colocação do pronome clítico en portuguêz”, en *Boletim de Filologia* XXXII, Lisboa, pp. 27-63.